

seu corpo o signal da vergonha e em sens olhos o da desconfiança de que a palavra fatídica saia da bocca de alguém. Manchado seu corpo, elle estará sempre profanado ; sua alma, sim, sua alma poderá ser a unica que se conserve sempre virgem, porque a virginidade não está só no corpo.

— E' exacto, disse d. Carlota.

Via se bem qual o fim de Alberto.

Ditas estas palavras, Alberto levantou-se e foi á janella.

Viu Julia no jardim e serenou-se-lhe o espirito.

D. Carlota chegou-se a elle e disse-lhe :

— Sr. Alberto, amanhã faço annos, não sei si já o sabia.

— Pois não; d. Julia até já convidou-me para aqui vir cedo.

— Venha mais cedo do que costuma e venha disposto a divertir-se.

Alberto comprometeu-se pela segunda vez, e pouco depois retirava-se, porém agora mais desconfiado sobre a origem de Julia pela conversa que tivera com a velha.

(Continua.)

VARIÉDADE

CONTOS DA SERRA

I

O FRADE DE FOGO

Por uma tarde tempestuosa e escura um cavalleiro percorria rapidamente a estrada que vae de N... a S..., e forçado pelo pessimo tempo que fazia então, viu-se obrigado a bater á porta de uma casinha á beira da estrada.

Depois de muito instar para que lhe dessem pousada por aquella noite, entrou em uma salla cujas paredes estavam completamente cobertas de pinturas as mais grotescas de sanctos e homens illustres.

A familia que hospedou-o compunha-se de uma velha, um velho e um homem de 30 annos pouco mais ou menos.

Este ultimo conservou-se sempre callado enquanto os dous velhos estiveram na salla, mas, logo que viu-se a sós com o viajante, perguntou-lhe :

— Meu amigo, não tem medo de viajar só-sinho por esta estrada ?

— Não, respondeu o viajante.

— Pois faz mal, porque estes sitios são malassombrados.

O viajante conheceu imediatamente com que especie de homem se achava, e, excitada a curiosidade por estas palavras, disse-lhe :

— Mas porque são elles malassombrados ?

— Porque teem aparecido cousas que só Satanaz lembrar-se-hia de fazer.

— Então você tem visto muita cousa má por aqui ? Conte-me porque isto deve ser muito divertido.

— Qual ! E' feio e muito de metter medo. Si você não tem muito somno nem medo faço-lhe a vontade, mas advirto-lhe que são cousas de arripiar o cabello.

— Pôde fazê-lo sem susto.

E o moço principiou a referir o que se segue.

*

Ha bastantes annos, e era eu ainda muito pequeno, morava por aqui um frade que não usava dos habitos talares, nem tinha corôa, nem dizia missa, nem entrava em egrejas.

Chegára, havia pouco, de muito longe e falava a nossa lingua ; dizia-se que fôra expulso de um convento porque seu comportamento era levado do diabo. A principio fôra soldado e entrâra muitas vezes em combate, pelo que era aleijado de uma perna. Era ainda moço e bonito, porém gostava muito de duas cousas que a egreja prohíbe aos eclesiasticos, — a libertinagem e a embriaguez.

Raro era o dia em que o reprobado não estava embriagado a ponto de ficar de cama semanas inteiras sem mesmo comer porque, logo que acabava de cosinhar uma, calhia n'ontra, de sorte que parecia com as velhas que, quando principiam a resar no rosario não cessam sinão quando acabam de rolar nos dedos conta por conta.

Todas as aldeões daqui de baixo tinham medo do frade maldicto, isto porém não impedia delle fazer das suas quando a cabeça não estava muito cheia de vinho.

Esmola e pousada eram cousas que elle desconhecia completamente.

Um dia o irmão de uma pobre rapariga a quem elle perdêra, foi á casa daquelle filho do demonio e deu-lhe tanta pancada que obrigou-o a ir para cama.

O frade jurou vingar-se, e como tinha sido outr'ora soldado e fizera algumas campanhas, achou que fôra ferido demais em seus brios de militar e pôz-se a meditar em seus planos.

Como tudo o que elle tinha na cabeça era justamente tudo quanto aprendera e jurara, como frade, não fazer nem aconselhar que fizessem, vê você perfeitamente que seu plano não era ir apresentar-se a seu offensor e dizer-lhe ; meu amigo, ha dias você deu-me umas bofetadas, cousa de muito mau gosto, mas emfin, como sou frade aqui apresento-te a outra face para que repitas a dose, como manda o Evangelho.

Qual ! Pois si elle nem lembrava-se mais do Evangelho como teria animo de humilhar-se subjeitando-se a apanhar até ficar com todo o rosto inchado como uma bola ? Nada ! aquillo era astuto e malicioso como a raposa.

Foi á aldeia e arranjou dous mulatos possantes, companheiros seus do debache, e juntos foram numa noite dar assalto á casa da moça.

O irmão lá não estava, e portanto facilmente conseguiram raptar a desgraçada e levarem-na para a casa do frade.

Ahi chegados este mandou que elles dessem muita pancada na pobresinha a ponto de deixarem-na no chão desfalecida e muito mal-tratada.

Logo que o frade viu a moça desmaiada

entrou para casa com seus dous companheiros e calhiram no vinho com vontade.

Quando, ao amanhecer, os dous retiraram-se, viram a infeliz ainda no chão e sem movimentos.

Chamaram-na pelo nome, levantaram-na, porém a moça estava dura e fria.

Era já cadaver !

Puzeram-na deitada na escada, e chamando então o frade, gritaram-lhe : « eis um presente que te deixamos na escada da porta. Venha buscá-lo e depois arranja-te como quizeres. » E retiraram-se.

O frade sem quasi poder sustêr-se de pé foi cambaleando abrir a porta, e, tropeçando no cadaver de sua victimaria, caiu de bruços sobre elle deixando escapar de seus labios impuros e satânicos uma praga ou blasphemia só dignas d'elle.

Levantou-se, pegou no corpo e atirou-o para uma valla que havia do lado da casa dizendo :

« Que o diabo encarregue-se de levar teu corpo daqui como já encarregou-se de tirar-te a vida. »

E pôz-se a rir como um possesso.

Entrou para a casa e adormeceu.

Quando no dia seguinte acordou viu um comprido manto negro estendido na valla, approximou-se e viu que eram os corvos que já estavam dando caça ao cadaver.

« Ah ! nem mesmo o diabo quiz a possuir-se de ti ! Deixou que os corvos devorassem teu corpo !... Eeras virtuosa e sancta, maldicta embusteira ! Pois arranja-te agora com todos os diabos. »

E ia dirigindo-se para casa quando dous corvos saltaram-lhe no rosto, e com os bicos aduncos arrancaram-lhe cada um um olho.

Immediatamente uma nuvem correu no céu ; o dia tornou-se noite por alguns instantes, e um raio mandado expressamente por Deus caiu-lhe por cima da cabeça, matou-o, incendiou a casa e estendeu mortos os corvos que devoravam o corpo da moça.

Pouco depois o dia tornou a ficar claro : tudo desapareceu, e só a casa é que ardia em intenso fogo como uma grande fogueira, destas que se fazem nas noites de S. João.

E o moço calou-se por alguns instantes, depois continuou :

— Agora, sim, agora é que é terrivel.

— Vamos, meu amigo, disse-lhe o viajante, nada de interrupções.

— Pois bem, continuou o primeiro ; noites depois, logo ao escurecer, um frade de fogo surgia, gritando, do logar em que estivera edificada a casa, e, dividindo-se em pequenas moléculas estas abrangiam, dispersando-se, um espaço immenso de terreno, volvendo sempre em circulo.

Depois adjunctavam-se aos poucos e compunham um corpo horrivel, hediondo e repugnante que lançava altas chamas que erugiavam-se em espiral e que voavam, impelidas pelo vento, desfazendo-se em atomos que perdiam-se no infinito.

Todos aquelles que approximavam-se dalli morriam immediatamente asfixiados; o matto ficou inteiramente queimado por aquelles si- tios; o rio seccou, e, só á noite, o especreto de fogo era quem dominava aquelles loga- res.

Por muitos annos o frade de fogo appareceu todas as noites dando gritos e implorando as preces dos vivos e crentes.

Parece que Deus emfim attendeu aos rogos dos innocentes e affastou dalli o terrivel phan- tasma.

Mas as suas culpas eram grandes, por isso elle obrigou-o, contudo, a dividir-se em corpos que todas as noites sahem do mesmo logar amaldiçoados e que aparecem alli como per- rylampos que voam, voam como luzes peque- nhas correndo por todo o campo em diferentes direcções acompanhando sempre os viajantes nocturnos.

Estas luzes dirigem-se em grande parte para o cemiterio da aldeia; alli correm em todos os sentidos e conservam-se até hoje, como se pôde verificar logo que a noite fica bem escura.

SILVA GUIMARÃES.

Excentricidade de alguns compositores de musica

Gluck, para excitar a imaginação, costuma-va sentar-se no meio de um lindo campo. Foi n'esta situação que, tendo um piano deante de si e na mão uma garrafa de champagne, escreveu suas duas composições—*Iphigenia* e o *Orpheu* e muitas outras tão dignas de admiração.

Sarti, pelo contrario, queria um vasto salão apenas allumiado por um lampião suspenso ao tecto. Só ahí, durante as horas mais silenciosas da noite, conseguia inspirar-se de idéas musicais.

Mozart jamais compunha com tanto sucesso do que quando sentia necessidade de fazê-lo, ou quando a hora da representação chegava. Esta necessidade era o mais poderoso incentivo.

Cimarosa alegrava-se com o tumulto e barulho; quando traballava gostava de vêr-se cercado de seus amigos. Muitas vezes acontecia-lhe escrever, no espaço d'uma só noite, motivos de oito a dez arias sublimes, que acabava depois em presença dos que vinham visitá-lo.

Grétry, para inspirar-se poderosamente, necessitava da alegria de seus amigos, ou da vista dos arvoredos da ermida.

Sacchini não podia escrever uma passagem si não tivesse de um lado a mulher, e do outro o seu gato ao qual muito estimava e que pulava-lhe continuamente nas pernas.

Paesiello compunha na cama. Foi entre os lençóis que elle escreveu tantas obras primas de graça e facilidade.

Zingarelli dictava o que compunha depois de ter lido uma passagem dos padres da egreja ou de algum classico latino.

Haydn, solitario e sombrio como Newton,

depois de ter posto no dedo o annel que mandará-lhe Frederico II, e que elle dizia ser-lhe necessário para exaltar-lhe a imaginação, sen- tava-se ao piano e no fim de alguns minutos tomava o vôo para os choros dos anjos. Completamente entregue a si mesmo durante sua estada na Esterhazy, e livre dos cuidados do mundo, dizia muitas vezes que compôr era para elle a suprema felicidade.

POESIAS

HARPEJOS

I

Eu dava-te a canção mais mariosa
Que existe por gênero na minha lyra,
Como vaga toala que suspira
Da tarde no cahir, em roseo céu,
Si quizessem ouvir os meus lamentos,
E abrandar os meus tredos sofrimentos
Com um sorriso teu.

II

Eu dava-te o porvir que além me assoma
Fulgente como os teus cabellos d'ouro,
E que espera entre gallas, flores, loiro,
Ao pallido cantor,
Si tu me consentisses no teu seio
A fronte reclinar, e em devaneio
Dizer-te, do teu niveo collo ao anecio,
— Tu és o meu amor!

III

Dava-te a minha vida, a liberdade,
O raio d'esperança que fulgura
Por entre os combros de fatal negrura
No triste peito meu,
E escravo, bemidria a minha sorte,
Si tu quizessem me apontando o norte,
Embora que ao depois achasse a morte,
N'um beijo dar-me o céu!

HYPOLLITO DE CAMARGO.

S. Paulo—1869

HOFFMANN

... Ce songe creux, bizarre
et sublime ...

LA BÉDOLLIÈRE

I

Na hora em que vagueia peregrina
Pelos céus meiga lua alvintente;
Quando as vozes das selvas se confundem
Com o despenhar longinquo da torrente;

Quando as sombras parecem-nos volver-se
Em danças infernaes; quando o deserto
De extraños habitantes se povoa,
E faz o vento horrisono concerto,

E' que elle pôde ser comprehendido.
Então tem vida tudo que creou,
E parecem reaes essas imagens,
Que seu crâneo de fogo imaginou.

II

No ermo, por entre os ramos,
Surgem tres vultos minaces,
— O fogo infernal nos olhos,
— A cór da morte nas faces.
Feros, tetricos, lá vão . . .
Mudos, hirtos, vagarosos . . .
A terra aos pés se lhes abre . . .
Ei-los que passam . . . quem são ? !
— Medardo, Denner, Cinabre.

E mais outros apparecem
E sombrios e agoureiros . . .
Uns praguejam, outros choram,
Outros volvem-se ligeiros
Em confuso turbilhão . . .
Choram lagrymas de fogo,
Que dos olhos gottejantes
Tombam . . . e sobem do chão
Mil pyritalpos errantes !

E por selvas e por valles
Se espalha a turba maldita.
Além, nas fraldas de um monte,
Vasta fogueira crepita;
Lá são todos congregados
Para o sabbat infernal,
Que sempre se reproduz
Até que brilhem nos prados
Almas torrentes de luz.

III

Salve, salve, phantastico poeta,
Portentosa, fecunda inspiração !
Por ideal — tiveste a phantasia,
E no cerebro — as lavas de um voleão !

L. DE M.

S. Paulo — Março de 1869.

NOTICIARIO

Aviso.—Acha-se á venda em casa do sr. Garraux, pelo modico preço de 2\$000, o—*Manual de civildade e etiqueta*, obra muito util e necessaria a alguns senhores desta capital, e principalmente ao heroe policial que n'estes ultimos dias deu-se em espectáculo practicando durante a semana sancta algumas gallardias.

A este aconselhamos que deixe-se de empafias ridiculas e trate de ser mais cortez com os estudantes assim de evitar alguma lição bem merecida.

Desfructo:—Chamamos a atenção de nossos collegas para o seguinte trecho d'uma correspondencia de Portugal inserta no *Jornal do Commercio*.

E' um d'esses desfructos dignos de nota que aparecem de tempos a tempos.

Ei-lo : « O ministro do reino officiou ao vice-reitor da universidade de Coimbra prohibindo-lhe a concessão de feriados aos estudantes sem licença do governo. O bispo de Vizeu ficou muito agastado ao saber que se concederam douos feriados a pretexto da representação do tragico Rossi em Coimbra !!! »

De forma que, para um ou outro feriado extraordinario que o vice-reitor queira dar aos estudantes, ser-lhe-ha necessário pedir previamente licença ao sr. ministro !

Em segundo logar o entusiasmo pelos successos do tragico é tão grande que dá occasião a douos feriados !

Que dous !

Que mau ministro e que bom reitor !

O Radical Paulistano.—Brevemente sahirá á luz um novo jornal politico sob esse título.

Serà na província o orgam do Club Radical Paulistano, installado no dia 15 de Março; á sua frente consta-nos que está o academico sr. B. Pamplona.

Ducado.—Por decreto do ministerio do Imperio de 24 do corrente foi nomeado duque o sr. marquez de Caxias que ultimamente commandou como general em chefe o nosso exercito no Sul.

Generalissimo.—S. A. R. o conde d'Eu foi nomeado generalissimo das nossas forças em operações no Paraguai e já deve ter partido da Côte, levando em sua companhia o general Polydoro, brigadeiro Fonseca Costa, e coronéis Pinheiro Guimarães e Tiburcio.

Exposição.—Acham-se expostos em uma vidraça d'uma loja da rua do Rosario os retratos dos infelizes martyres Azani e Luzzi.

Theatro.—A 28 do proximo passado mez realizou-se o espetáculo em beneficio da artista d. Eugenia Camara.

As honras da noite pertenceram á beneficiada e ao sr. Oliveira Vasques.

O sr. Domingos Figueiredo, que estreou essa noite, não deixou de agradar.